



Victor Jucá/Divulgação

E o Oscar vai para... **A SURPRESA!**

Raras vezes na história da maior premiação americana, **os resultados** são tão **cercados de mistério...** e de torcida, com o **Brasil no páreo** com 'O Agente Secreto', **com quatro indicações**, e pelo paulista **Adolpho Veloso**, indicado por **melhor fotografia**. Páginas 2 a 6

Victor Jucá/Divulgação



O baiano Wagner Moura pode sair consagrado na noite de domingo por sua performance em 'O Agente Secreto'

Um roteiro em aberto

Único consenso da premiação deste domingo parece ser Jessie Buckley por sua atuação em 'Hamnet'



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pelas normas de toda boa cartilha de storytelling dos Estados Unidos, a surpresa é um efeito essencial a qualquer narrativa que se pretenda popular, portanto, o suspense que ronda a potencial vitória de "O Agente Secreto", nas quatro categorias a que foi indicado no Oscar 2026, é parte de uma liturgia essencial para atenção do público (mundial) aos filmes em competição. Favoritismo, do tipo que se escreve com "F" maiúsculo, parece existir só um na cerimônia, a ser realizada neste domingo, em Los Angeles, pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood: a vitória de Jessie Buckley na categoria Melhor Atriz, por "Hamnet". De resto, tudo pode virar e muito anúncio pode surpreender na festa que vai mobilizar o Dolby Theatre, em LA, a partir das 15h (20h aqui) deste 15 de março, sob o comando de Conan O'Brien.



O Oscar para Jessie Buckley, de 'Hamnet', talvez seja a única certeza da noite de premiação

Cada acontecimento será transmitido no Brasil pela TNT e pela HBO Max, com prévias a partir das 18h30 - além da Globo, que só vai sintonizar na festa às 21h. O Estação NET Rio vai projetar o Oscar em cinco de suas salas, ciente de que vão acontecer resultados inusitados. Com uma guerra rolando solta no Irã, desde o bombardeio daquela nação deflagrada por Donald Trump, e uma série de simbolismos políticos em pauta, viradas a granel são esperadas, com direito a uma possível consagração hollywoodiana do baiano Wagner Moura.

Não foi sorte de principiante a

vitória do Brasil no Oscar do ano passado, com "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, pois, uma vez, nosso país está no páreo pelo troféu mais cobiçado da cultura pop. Visto por 2,5 milhões de pagantes no circuito nacional, "O Agente Secreto", do diretor Kleber Mendonça Filho concorre na raia de Melhor Filme, Filme Internacional, Ator (Wagner) e (a recém-criada) Escalação de Elenco (representado por Gabriel Domingues). Para espichar a alegria nacional, o paulista Adolpho Veloso briga pela láurea de Melhor Direção de Fotografia por "Sonhos de Trem" ("Train Dreams"), à força de seu tra-

balho de iluminação estonteante na saga de solidão e resistência passada a margem de trilhos e dormentes.

Alguns dos concorrentes chegam "pesadões", cheio de nomeações, embora nenhum oestente tantas quanto "Pecadores" ("Sinners"), terror antirracista rodado por Ryan Coogler. É recordista de nomeações: 16 ao todo. Tal número nunca foi alcançado antes. É um marco antirracista, que narra a luta de dois irmãos gêmeos (vividos por Michael B. Jordan) contra vampiros na América da Kux Klux Klan. B. Jordan se impõe como o rival nº 1 de Wagner, depois de ter vencido o

prêmio do Sindicato dos Atores de Hollywood, que é a massa votante de maior número entre todas as associações laborais dos EUA a integrar a Academia.

Numa afirmação dos profissionais radicados nos EUA, essa instituição sindical deixou atores de outras nacionalidades que não as anglo-saxônicas de fora de sua premiação, o que descartou a presença do eterno Capitão Nascimento, há muito tempo ligado a ideologias inclusivas avessas às de seu personagem até então mais famoso, lá de "Tropa de Elite" (Urso de Ouro de 2008). De maio de 2025 para cá, desde que "O Agente Secreto" concorreu à Palma de Ouro de Cannes e saiu do festival mais prestigioso do planeta com quatro prêmios (incluindo Melhor Direção e Interpretação Masculina), Marcelo (aka Armando Solimões) virou seu papel de mais destaque - e de mais consagração. Hoje na Netflix, a cruzada desse sujeito, ambientada no Recife de 1977, para retomar o convívio com o filho, após um afastamento forçado por pressões dignas de lhe custar a vida, embatucou o Brasil... e encantou o mundo.

"Estou muito feliz de ver esse reconhecimento, com meus coprodutores. Tenho muito orgulho, e Kleber também, de lembrar que esse filme é fruto de políticas públicas, de investimento na cultura do país e também da coprodução", celebra, em depoimento ao Correio da Manhã, a francesa Emilie Lesclaux, parceira de trabalho e vida de Mendonça Filho, e produtora do longa.

Em 11 de janeiro, a (boa) sorte de "O Agente Secreto" mudou com a dupla conquista do longa-metragem de Kleber Mendonça Filho no Globo de Ouro - coroado como Melhor Ator e Melhor Longa de Língua Não Inglesa. Com cerca de US\$ 17 milhões de receita pelo mundo, a produção da Cinemascópio já soma cerca de 83 prêmios e teve seu cacife ampliado depois de ganhar a capa de dezembro da revista "Cahiers du Cinéma", Bíblia da cinefilia mundial

Divulgação

desde a década de 1950. A produção, ambientada no fim da década de 1970 (no governo Geisel), e centrada na luta pela vida de um professor e pesquisador de universidade pública (papel de Wagner) perseguido por assassinos, está no ranking de 10 Melhores Filmes do Ano do periódico francês e foi eleito “O” longa de 2025 pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

“Kleber e eu nos conectamos pelas vias da política, num olhar que se afina, sobre o que o Brasil passou, mas sempre quis filmar com ele, sobretudo depois de ver ‘O Som ao Redor’. Se ele me chamasse para fazer Chapeuzinho Vermelho, eu fazia”, disse Wagner ao Correio em Cannes.

No Oscar dos Estrangeiros, seus concorrentes são o espanhol “Sirât”, de Oliver Laxe (indicado ainda à estatueta de Melhor Som e cotadíssimo para leva-la); o rolo-compressor norueguês “Valor Sentimental”, de Joachim Trier, cuja bilheteria beira US\$ 21 milhões; “Foi Apenas Um Acidente”, do iraniano Jafar Panahi, que ganhou a Palma de Ouro deste ano e concorre pela França, sua coprodutora; e o tunisiano “A Voz de Hindi Rajab”, de Kaouther Ben Hania, coroado com o Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza.

A trajetória de “O Agente Secreto” não deixa em nada a desejar à jornada vitoriosa que nosso cinema trilhou entre o segundo semestre de 2024 e março de 2025 com “Ainda Estou Aqui”, de Salles. São duas narrativas distintas, embora ambas se passem parcialmente na década de 1970 e deem ao regime militar de então uma abordagem crítica – cada um tratando a época à sua maneira. “Pirraça” é o termo com que Kleber descreve aquele tempo.

“Pirraça tem um som muito particular, maior do que qualquer verbete de wikipedia pode traduzir. O uso dessa palavra, num filme que eu fiz para o povo brasileiro ver... e no cinema..., abre relação forte com a língua portuguesa, ao expor algo que persiste como comportamento humano. O Brasil tem uma inabilidade de lidar com fatos históricos. Por isso, ‘O Agente Secreto’ é um filme sobre o que a gente esqueceu”, disse Kleber ao Correio da Manhã.

Jornalista especializado em Cinema e crítico ao longo de 13 anos, entre as décadas de 1990 e 2000, Kleber tem a noção que o sonho brasileiro de fazer bonito no Oscar começou logo após a II Guerra Mundial. Em 1945, o maestro Ary Barroso (1903-1964), de Ubá (MG), foi caçar o prêmio, em nosso nome, ao dividir com Ned Washington (1901-1976) a nomeação à estatueta de Melhor Canção por “Brasil” (1944), de Joseph Santley (1889-1971), com a música “Rio de Janeiro”. Ela acabou preterida. Venceu “Swinging on a Star”, de “O Bom Pastor”.

Não tardou, contudo, para que um longa de nossa lavra, “O Pagador de Promessas” (1962), de An-



Kasper Tuxen/Divulgação

‘Sentimental Value’ é o mais forte rival de ‘O Agente Secreto’ a melhor filme internacional



Divulgação

‘Pecadores’, de Ryan Cogler, recebeu 16 indicações



Netflix

‘Sonhos de Trem’ tem fotografia do brasileiro Adolpho Veloso



Divulgação

Timothée Chalamet em ‘Marty Supreme’



Divulgação

Oscar Isaac é o Dr. Frankenstein na releitura de Mary Shelley feita por Guillermo Del Toro



Divulgação

‘Sirât’, do espanhol Oliver Laxe, integra a lista dos concorrentes a filme em língua não-inglesa



Divulgação/ Warner

Leonardo DiCaprio: atuação memorável em ‘Uma Batalha Após a Outra’

selmo Duarte (1920-2009) – aliás, nossa única Palma de Ouro em 78 edições de Festival de Cannes -, entrou no pátio das produções de CEP estrangeiro (ou seja, não estadunidenses). Concorreu em 1963 e perdeu para “Sempre Aos Domingos”, da França, de Serge Bourguignon.

Antes de Walter Salles vencer com “Ainda Estou Aqui”, ele mesmo concorreu na Academia, em 1999, com “Central do Brasil”, que perdeu para o italiano “A Vida É Bela. Pouco antes, ainda na segunda metade da década e 1990, a produtora carioca LC Barreto (do casal Lucy e Luiz

Carlos, o Barretão) concorreu duas vezes quase consecutivas: em 1996, com “O Quatrilho”, e em 1998, com “O Que É Isso Companheiro?”. Em anos mais recentes, Petra Costa disputou a láurea dos documentários com “Democracia Em Vertigem”, em 2020, e Alê Abreu, a de Melhor Animação, com “O Menino e o Mundo”, em 2016. Não se esqueça do curta “Uma História de Futebol”, sobre Pelé, que concorreu em 2001.

É uma travessia longa que demonstra o quanto o Brasil lutou para fazer parte do processo de modificação da Academia, hoje mais aberto às diversidades do que nun-

ca, mesmo sem deixar de lado a prata da casa, como é o caso de “Uma Batalha Após A Outra” (“One Battle After Another”), de Paul Thomas Anderson, que fez a festa no Globo de Ouro, há dois meses, e deve dar a seu realizador o Oscar de Direção. Seu cineasta, um californiano de 55 anos, consagrado antes por “Magnólia” (Urso de Ouro de 2000) e “Sangue Negro” (2007), é o nome mais forte para vencer ainda a estatueta de Roteiro Adaptado. Teyana Taylor, que brilha radiantemente no papel da revolucionária Perfidia Beverly Hills, é dada como ganhadora nata do Oscar de Atriz Coadjuvante

Sua arrecadação, US\$ 206 milhões, impressiona. É a trama mais irônica com Trump de todo o Oscar. Fala de uma organização rebelde que é desmantelada pelas Forças Armadas dos EUA, depois que uma de suas mais operativas mais corajosas, Perfidia, some, o que gera uma caça a seu ex-namorado (Leonardo DiCaprio) e à filha deles, Willa (Chase Infiniti), perseguidos pelo militar estrambótico Lockjaw (Sean Peen, em interpretação colossal).

Dos nove títulos que disputam com “O Agente Secreto”, o Oscar mais cobiçado, o de Melhor Filme - “Bugonia”, “F1”, “Frankenstein”, “Hamnet”, “Marty Supreme”, “Uma Batalha Após A Outra”, “Valor Sentimental”, “Pecadores” e “Sonhos de Trem” -, o mais lucrativo foi o épico automobilístico com Brad Pitt, designado pela sigla de Fórmula Um. Faturou US\$ 631 milhões. Concorrerá ainda aos prêmios de Melhor Som, Efeitos Visuais e Montagem. O longa americano que mais lucrrou em venda de ingressos em 2025, tendo arrecadado US\$ 1,8 bilhão, chama-se “Zootopia 2” e só foi indicado a um Oscar: o de Melhor Animação. Estima-se que o sul-coreano “Guerreiras do K-Pop” vá derrotá-lo.

Dos concorrentes de Kleber na frente dos filmes internacionais, de língua não inglesa, “Valor Sentimental” pode premiar (mercidamente) o sueco Stellan Skarsgaard fazendo dele o Melhor Coadjuvante – se Sean Penn deixar. Trata-se de uma história de amor triangular que envolve cinema, teatro e família. Um prestigiado documentarista escandinavo que um dia foi uma espécie de Bergman (vivido por Stellan) procura sua filha, uma atriz teatral de tarimba (Renate Reinsve), com o projeto de uma ficção. O tal filme recria o suicídio de sua mãe, avó da jovem.

Na competição de Cannes, esse estudo sobre culpa, remorso e perdão de Joachim Trier ganhou o Grande Prêmio do Júri, a láurea de maior peso logo depois da Palma dourada. Stellan, de origem sueca, foi ovacionado ao ganhar o Globo de Ouro de coadjuvante por sua colossal composição de uma figura paterna fraturada. Foi aplaudido em especial pela luta contra a perda de memória, decorrente de um AVC. Seu histórico na TV e no cinema dos Estados Unidos é antigo, de “Mama Mia” (2008) à série “Andor”, passando pela franquia “Thor” (2011-2013). Fora isso Trier vem fazendo sucesso em solo americano com “Mais Forte Que Bombas” (2015) e “A Pior Pessoa do Mundo” (2021), que fez de Renate uma estrela no âmbito dramático.

No entanto, o golaço de Kleber no evento da Golden Globe Foundation e em inúmeras outras premiações, põe o Brasil num papel estratégico. O bicampeonato é um horizonte possível... e esperado, sendo que Adolpho Veloso é uma ascendente aposta para o Oscar de Fotografia. Agora é só torcer.

CinemaScópio,

do Recife ao pódio de Hollywood



Kleber Mendonça Filho (diretor), Emilie Lesclaux (produtora) e Wagner Moura (ator) no set de filmagens de 'O Agente Secreto': a trinca de sucesso por trás do longa que chega ao Oscar com quatro indicações

Com prêmios em Cannes, Berlim e mais festivais GG, produtora fundada em 2008 pelo casal Emilie Lesclaux e Kleber Mendonça Filho vira grife mundial de excelência, indicada ao Oscar

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Caso “O Agente Secreto” ganhe a estatueta de Melhor Filme na festa do Oscar, no domingo, a vitória... histórica para a América Latina... será do Brasil, do cinema pernambucano, de Kleber Mendonça Filho, mas, antes de tudo, da CinemaScópio, a produtora que a francesa radicada há 24 anos no Recife Emilie Lesclaux fundou com o cineasta brasileiro em 2008. Quem produz é quem costuma ter a primazia da fala na consagração da láurea principal de qualquer grande premiação do cinema, numa lógica de um lado industrial e, do outro, artística. Neste caso, o diretor e sua companheira de vida (com quem é casado e tem dois filhos) mesclam os talentos de suas

distintas expertises na manutenção de uma empresa de criação artística que, depois de participações sucessivas em festivais GG (Cannes, Berlim, San Sebastián e Veneza), firma-se como grife de excelência mundial... agora com quatro indicações ao prêmio mais disputado da cultura pop.

Todas as vezes que uma produção latina de CEP nacional galgou voz na Meca hollywoodiana, a cia. produtora por trás dela explodiu em visibilidade. Foi o que se deu nos anos 1990, quando a carioca LC Barreto, de Lucy e Luiz Carlos (o Barretão), emplacou indicações ao Oscar com “O Quatrilho”, em 1996, e “O Que É Isso, Companheiro?”, em 1998. Em 1999, a Videofilmes dos irmãos Salles, ganhou holofotes quando Wálinho concorreu com “Central do Brasil”. Falou-se muito dela (na maioria das vezes representada pela figura da produtora Maria Carlota Bruno) no ano passado, com a conquista (até então inédita) do Oscar de “Ainda Estou Aqui”, que popularizou primeiramente uma outra empresa brasileira (hoje das mais prolíficas na lida cinematográfica), a RT Features. Rodrigo Teixeira, coração dessa companhia de SP, é presença constante hoje das mostras mais importantes do planeta, e esteve nas raias da premiação de Hollywood antes com “Me Chame Pelo Seu Nome” (vencedor do troféu de Melhor Roteiro Adaptado da Academia, em 2018) e com “O Farol”, em 2020.

Nesse mesmo pódio, outrora, também esteve a O2 Filmes, de Fernando Meirelles, em meio as (também quatro) indicações ao Oscar de “Cidade de Deus”, em 2004. Na

“Tudo foi contribuindo para novas camadas criativas num filme que continua extremamente brasileiro... pernambucano. Aliás, uma das coisas mais belas foi ver franceses assobiando um frevo e ver um alemão aperfeiçoando a cor de um ônibus elétrico dos anos 1970”

EMILIE LESCLAUX

década de 1980, por lá passou a HB Filmes, quando Hector Babenco (1946-2016) concorreu à láurea de Melhor Direção por “O Beijo da Mulher Aranha” (1985).

“A coprodução, que é algo sempre complexo, principalmente envolvendo vários países, foi uma experiência muito feliz para o ‘Agente Secreto’, como foi para ‘Bacurau’ e ‘Aquarius’, disse Emilie ao Correio da Manhã quando o thriller com Wagner Moura passou pela primeira vez, em maio do ano passado, no Festival de Cannes. “O filme teve um financiamento inicial via Estados Unidos que não foi pra frente, e nos encontramos no final de 2022 tendo que reconstruir um orçamento do zero”.

Visto por 2,5 milhões de pagantes no Brasil, “O Agente Secreto” é uma coprodução Brasil (CinemaScópio Produções), França (MK Productions), Holanda (Lemming) e Alemanha (One Two Films). Emilie explicou ao Correio, na

Croisette, que ela e Kleber começaram o processo de procurar fundos no Brasil, com a distribuidora, a Vitrine. Em Cannes mesmo, em meio a carreira de seu longa anterior, “Retratos Fantasma” (2023), começou uma parceria com a MK Productions, e alguns meses depois, com a One Two Films (Alemanha) e a Lemming Film (Holanda). O equipamento de câmera ARRI, com lentes Panavision dos anos 1970, usados para fotografar as peripécias do personagem de Wagner Moura, foi trazido da França, de onde veio a diretora de fotografia do longa, Evgenia Alexandrova. Parte expressiva da pós-produção foi executada na Europa. A trilha sonora, por exemplo, foi gravada num estúdio em Amsterdã (o STMPD). Já a correção de cor foi feita na Rotor, nos Estúdios Babelsberg na Alemanha. Paris foi o endereço da mixagem com o aclamado técnico Cyril Holtz.

“Tudo foi contribuindo para novas camadas criativas num filme que

continua extremamente brasileiro... pernambucano. Aliás, uma das coisas mais belas foi ver franceses assobiando um frevo e ver um alemão aperfeiçoando a cor de um ônibus elétrico dos anos 1970”, disse Emilie.

Nos anos 2000, os curtas-metragens de Kleber “A Menina do Algodão” (2003), “Vinil Verde” (2004), “Eletrodoméstica” (2005), “Noite de Sexta, Manhã de Sábado” (2006) e a narrativa documental de metragem longa “Crítico”, de 2008 (hoje na MUBI) contabilizaram cerca de cem prêmios em festivais no Brasil e no exterior. A partir daí, entre 2008 e 2015, sobretudo depois do fenômeno mundial do filme “Recife Frio” (2009), dirigido por KMF, a CinemaScópio virou uma das principais produtoras audiovisuais de seu estado, PE, produzindo ou coproduzindo filmes de Leonardo Sette, Juliano Dornelles, Leonardo Lacca. Em 2023, Nara Normande e Tião levaram a companhia de Emilie e Kleber à mostra Orizzonti de Veneza, onde estrearam “Sem Coração”. No ano seguinte, a diretora Nele Wohlatz, nascida na Alemanha, rodou em Pernambuco, com produção dos criadores de “O Agente Secreto”, o tocante “Dormir De Olhos Abertos”, coroado com o Prêmio da Crítica na Berlinale.

Além de fazer filmes, a CinemaScópio é responsável pela realização da maratona cinéfila Janela Internacional de Cinema do Recife, que se tornou um dos festivais de cinema mais importantes do país desde sua criação em 2008. Assegurou projeção no país das obras de artesões autorais como o bielorrusso Sergei Loznitsa, realizador do recente “Dois Procuradores”.

ENTREVISTA | MICHAEL B. JORDAN E DELROY LINDO

ATORES

‘Heróis, aqui, são representados pela resiliência negra’



Delroy Lindo com Michael B. Jordan (ao volante) conduzem por uma América racista em ‘Pecadores’, de Ryan Coogler

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

A fala que dá título a esta conversa saiu da boca do londrino de origem jamaicana Delroy Lindo, de 73 anos, mas se estende às ideias levantadas por Michael B. Jordan, de 39, na conversa via Zoom com o Correio da Manhã que mal passou dos cinco minutos. Não fomos gongados, não. Esse é o tempo padrão dos bate-papos hoje praticados na indústria hollywoodiana envolvendo premiações de prestígio, no caso a da Golden Globe Foundation. Na virada do ano, à luz do Globo de Ouro, os dois se disponibilizaram a falar sobre o campeão de bilheteria “Pecadores” (“Sinners”), recordista absoluto de indicações ao Oscar, nomeado em 16 categorias - um feito histórico no mercado audiovisual.

Foi... de longe... o melhor filme do primeiro semestre de 2025, com um faturamento de US\$ 370 milhões. Com a alta de seu cacifre nos preparativos da cerimônia da Academia, o longa volta a pipocar por telonas de todo o mundo, consagrando-se como exemplar do filão terror antirracista, o mesmo que gerou “Corra!” (2017) e “Nós” (2019). Seu realizador, Ryan Coogler (de “Creed”), bateu a barreira do bilhão, em 2018, com “Pantera Negra”, e vem agora tratar de vampiros e da Ku Klux Klan. Ambas as forças das trevas vão atazanar os juízos de dois irmãos, empresários do ramo etílico, que dão ao blues lugar de honra em seus negócios. Tais negociantes, os manos bons de tiro Elijah Smoke e Elias Stack, gêmeos idênticos, têm B. Jordan, como intérpretes, numa atuação em (duplo) estado de graça. Ele ganhou o Actors Award (a láurea do Sindicato dos Atores) no dia 1º, o que o transforma no mais potente rival do baiano Wagner Moura, na corrida pela estatueta de Melhor Ator, neste domingo. Por quê? Porque a instituição sindical que o consagrou tem o maior colegiado entre os votantes da Academia.

Ao lado de B. Jordan, Delroy brilhou na telona, no papel do gaitista Delta Slim, lenda da música, e desponha como um dos mais fortes concorrentes ao Oscar de coadjuvante. Carrega consigo um histórico de cults, em parcerias com Spike Lee (em “Crooklyn”, “Malcolm X”, “Irmãos de Sangue” e “Destacamento Blood”) e participações em blockbusters (“O Preço de um Resgate”). No longa de Coogler, ele e B. Jordan encaram sugadores de sangue num bar de beira de estrada, no Mississippi pós I Guerra, na qual múltiplas ancestralidades egressas da África se manifestam. Muitas delas modulam esta conversa.

“Heróis são pessoas que estão dispostas a lutar por gente que não consegue se defender”

MICHAEL B. JORDAN

De que maneira o conceito de heroísmo se aplica ao mundo de “Pecadores”. Que heróis são os irmãos Stack?

Michael B. Jordan - Heróis são pessoas que estão dispostas a lutar por gente que não consegue se defender. Os Stack fazem isso quando juntam todo mundo, em seu bar, numa luta em prol da sobrevivência. Quando perceberam que havia uma ameaça, e as vidas ali estavam em perigo, eles reúnem todo mundo para tentar resolver o problema. Pensam em comunidade. Sinto que a natureza heroica de todas as personagens de “Pecadores” se manifesta na forma de elas olharem umas pelas outras, em comunidade, porque tudo o que tinham eram elas próprias. Eu gosto muito dessa representação, por acreditar que esse tipo de heroísmo existe.

De que forma essa representação heroica se conjugua com as lutas antirracistas?

Delroy Lindo - Sinto que, fundamentalmente, os heróis

aqui são representados pela resiliência das comunidades negras em todo o mundo. Vemos o Mal mítico encarnado e vemos o Mal histórico ao qual nós, pessoas de ascendência africana, pessoas negras, fomos sujeitos. O que é heroico, no que me diz respeito, é a resiliência. Pessoas pretas historicamente demonstraram ser resilientes para sobreviver e florescer. E isso está representado neste filme, por todos os indivíduos de que Mike (apelido de Michael B. Jordan) falou, e na forma como esses indivíduos se articulam nesta história.

Existe, nesse espaço da resiliência decolonial, uma reflexão provocadora de um dos mais respeitados pensadores do Brasil, o sociólogo e escritor baiano Muniz Sodré. Ele questiona o conceito de racismo estrutural numa defesa teórica de que o pavimento da segregação é um racismo institucional. Em seus estudos, o Poder, por meio de suas instituições, sustenta o racismo como prática econômica. De que maneira “Pecadores” ilustra esse discurso?

Delroy Lindo - Se o racismo é institucional, há que se afirmar cada vez mais que sobreviver é florescer, é ocupar espaços. Isso vale não apenas para pessoas negras, mas para todos os que sofrem com exclusão.

Michael B. Jordan - Uma das coisas que este filme representa de mais forte é que ele contraria a suposta incapacidade das pessoas negras de alcançarem impacto global no entretenimento. Este é um filme que teve impacto global, tal como “Pantera Negra” teve antes dele. E isso fala não só da nossa resiliência, mas do gênio, quando temos um líder como Ryan Coogler a apresentar um material original vindo de suas próprias reflexões. Sua genialidade resiste.

Aritmética do lucro na equação da Academia

Favoritos ao Oscar de Melhor Filme deste ano nem de longe arranham a marca do bilhão, que só dois vencedores da categoria ultrapassaram em toda a História

RODRIGO FONSECA

Especial para o
Correio da Manhã

Embora tenham enchido os cofres da Warner Bros. de dólares, os dois longas-metragens com mais fôlego para conquistar o Oscar de Melhor Filme, neste domingo, “Pecadores” e “Uma Batalha Após A Outra”, não passaram a barreira do bilhão (de faturamento), hoje tão esperada pelo mercado exibidor. O longa de Ryan Coogler custou US\$ 100 milhões e faturou US\$ 370 milhões. O de Paul Thomas Anderson custou cerca de US\$ 130 milhões e arranhou US\$ 210 milhões, compensando-se mais e melhor com o tanto de consagração que recebeu. Em



“Titanic” é o ganhador do Oscar de Melhor Filme que obteve o maior faturamento da história: US\$ 2,2 bilhões

98 anos de História, o ganhador da láurea de maior relevo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood que mais faturou foi “Titanic” (1997), de James Cameron, com US\$ 2,2 bilhões. Na sequência de arrecadação, o segundo lugar ficou com “O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei” (2003), de Peter Jackson, com US\$ 1,1 bilhão. O terceiro do pódio é o único representante desta década (pós-pandemia), “Oppenheimer” (2023), de Christopher Nolan, que rendeu US\$ 975,7 milhões.

Já teve ganhador dessa categoria que fez História por simbolismos políticos, mas não reverteu o prestígio em lucratividade. É o caso de “Guerra Ao Terror” (“The Hurt Locker”), o primeiro filme a render um Oscar de Melhor Direção a uma mulher (no caso Kathryn Bigelow). Custou US\$ 15 milhões e faturou US\$ 49 milhões, entre 2009 e 2010. Pagou-se, lucrou, mas nem de perto arranhou a marca de sucessos de outrora como “Forrest Gump”, quarto colocado na lista dos vencedores da estatueta de

Melhor Filme, com US\$ 680 milhões. O quinto posto é de “Gladiador”, com US\$ 460,5 milhões.

Entre os representantes da Hollywood clássica, anteriores à década de 1950, o único vencedor do troféu de Melhor Filme a entrar entre as maiores acumulações na venda de ingresso é “...E O Vento Levou” (1939), com US\$ 402 milhões. Já o ganhador recente que menos fez dinheiro foi “CODA”, aqui chamado “No Ritmo do Coração”, que entrou nas telas na pandemia. Somou só US\$ 1,9 milhão, uma vez que sua

carreira mais longa se fez no streaming, na Prime Video.

Das produções não anglo-americanas que foram eleitas Melhor Filme, a sul-coreana “Parasita” (2019) custou US\$ 11,4 milhões e arrecadou US\$ 262,5 milhões, e a francesa “O Artista” (2011) gastou US\$ 15 milhões para sair do papel e contabilizou US\$ 133 milhões.

“Ainda Estou Aqui”, que nos rendeu o Oscar no ano passado, na categoria Melhor Filme Internacional, vendeu 5,8 milhões de entradas no Brasil e trouxe US\$ 36,4 milhões para casa.

Amélie chega aos 45 minutos do segundo tempo

Entre os concorrentes ao Oscar de 2026 que mais (e melhor) reverberaram por festivais no exterior, o último a chegar entre nós é “A Pequena Amélie” (“Amélie et la Métaphysique des Tubes”), um desenho animado franco-belga de Mailys Vallade e Liane-Cho Han. Estreia neste fim de semana. Brilhando no páreo de Melhor Animação. Passou por Cannes e por San Sebastián cercado-se de

loas. Nesses eventos europeus, a adaptação do livro infantojuvenil de Amélie Nothomb sobre miscigenações culturais - e as magias que cercam os intercâmbios entre povos - tornou-se um ímã de aplauso.

“Nossa ambição sempre foi expressar a euforia da infância, numa história que atravessa diferentes estações do ano e as muitas emoções de uma menina”, disse Mailys ao Correio da Manhã em San Se-



A Pequena Amélie desafia a hegemonia da Disney na corrida pelo Oscar de animação

bastián, celebrando os holofotes dados a uma dramaturgia animada que a Disney não mostra. “O meio de abordar a compreensão das diferenças, em nossa trama, passa por

traumas e o debate sobre expatriação na busca por identidade”.

Espécie de Cannes para a classe profissional de animadores, Annecy, festival francês realizado em junho, deu a Láurea do Público para “A Pequena Amélie”. Sua protagonista não se leva a sério,

mas sofre com isso. Até aos dois anos e meio, Amélie se descreve como um tubo digestivo, inerte e vegetativo. Então, surge o acontecimento seminal que a mergulha na micareta de descobertas que é ser criança. Durante os seis meses seguintes, ela descobre a linguagem e aprende a lidar com seus pais, com seus irmãos e com suas irmãs. Acha um paraíso no seu jardim e, lá, demarca suas paixões: o Japão (onde nasceu e onde vive) e a água. “Esse filme custou em torno de 9,3 milhões de euros e começou a ser desenvolvido há sete anos com 150 profissionais, trabalhando de locais diferentes da França, onde o sistema de fomento nos assegura liberdade pra inventar”, disse Mailys. (R. F.)

CRÍTICA TEATRO | O PAI

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A peça francesa, que estreou em 2012 em Paris, arrebatou prêmios em produções mundo afora, como Londres e Nova Iorque. O próprio autor aventurou-se como diretor no filme “Meu Pai”, que rendeu Oscars e Baftas de Melhor Ator para Anthony Hopkins e Melhor Roteiro Adaptado, além da indicação de Melhor Filme. E na trilha de sucesso, a montagem brasileira já agraciou Fulvio Stefanini como Melhor Ator nos Prêmios Shell e Bibi Ferreira, em São Paulo. O Alzheimer é um tema universal que emociona, sobretudo quando é abordado com sapiência, e a dramaturgia de Florian Zeller possui uma carpintaria excepcional.

A narrativa impõe-se pela perspectiva de André, um idoso aos 80 anos, divertido, a partir da desorientação pela perda de memória. Desde então, um mosaico de emoções evidencia confusões e embates familiares.

Com sabedoria, o diretor Léo Stefanini institui um jogo teatral afinado, com limpeza cênica, pausas dramáticas bem posicionadas, além de imputar ao espetáculo uma leveza, atenuando o conteúdo, numa dialética primorosa. O humor nasce da situação tragicômica do protagonista e em momento nenhum reduz a dramaticidade.

Fulvio Stefanini, com sua emissão vocal poderosa como de costume, saboreia cada palavra – mesmo quando joga o texto fora – ofere-



Com sua emissão vocal poderosa como de costume, Fulvio Stefanini saboreia cada palavra oferecendo uma verdade cênica irrepreensível na montagem brasileira de ‘O Pai’

A potência de um ator

cendo-nos uma verdade cênica irrepreensível, como se a personagem ganhasse vida e pertencesse ao nosso mundo familiar. É impressionante o desenho que o intérprete atribui ao papel quando está em casa e na sequência, ao ser colocado na clínica, onde sua máscara e humor modificam-se, com infinita tristeza.

Ao entrar em desespero: “Eu quero minha mãe”, o ator clarifica que as memórias recentes estão apagando, mas que o passado está ali, mais presente do que nunca, numa das

cenas mais tocantes. Há filigranas que só um ator desse quilate pode proporcionar. Carol Mariottini, Fulvio Stefanini Filho, Lara Córdula e Léo Stefanini compõem

um elenco coeso, com destaque para Déo Patricio, que trafega com elegância, além de conduzir talentosamente o bife, pelo qual relata enforçar o pai em pesadelo.

André Cortez ambienta um cenário instigante, com uma estante que desdobra-se na casa do protagonista e na clínica, com poucos elementos, o que conduz ao desaparecimento memorial da personagem central. Há um signo revelado por um pequeno relógio, haja vista uma indagação sobre as horas. Os figurinos de Lelê Barbieri são cotidianos. Diego Cortez ilumina com delicadeza, utilizando contras sombreando as passagens de cena, abusando dos blackouts, numa perfeita alusão à interrupção mental do carismático André. Um tic-tac do relógio remete o tempo que passou, angustiando a audiência propositadamente, na trilha adequada de Raul Teixeira e Renato Navarro.

“O Pai” está comemorando os 70 anos da atuação proeminente de um artista experiente. O espetáculo é valioso, mas o público deve comparecer, sobretudo, pela maestria de Fulvio Stefanini.

SERVIÇO

O PAI

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
Até 22/3, às sextas e sábados (20h) e domingos (17h)
Ingressos: Plateia Central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia lateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Levi Meireles/Divulgação



Lucidez e delírio

Com dramaturgia de Carolina Ferman e Natasha Corbelino, o espetáculo “Fera” segue em cartaz no Teatro Poeirinha, em Botafogo, até 22 de abril, com apresentações às terças e quartas, às 20h. Idealizado e protagonizado por Carolina Ferman, a produção narra o confronto de uma mulher com um crocodilo durante um passeio de canoa. A peça explora poeticamente o instante entre vida e morte, refletindo sobre a fragilidade humana e sua relação com a natureza através de uma fusão entre lucidez e delírio.

Emanuelle Rebelo/Divulgação



Uma vida reconstruída

O monólogo “Cadeira de Balanço”, de Dudu Gehlen e direção de Jefferson Santi, volta aos palcos cariocas em curta temporada no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema até o dia 29. A peça apresenta um neto em velório que dialoga diretamente com o público, evocando memórias de Dona Caçula, artesã maranhense de Cantanhede. Com um único ator em cena, o espetáculo reconstrói a vida da avó e personagens que marcaram sua trajetória, explorando a relação entre gerações e o que permanece após a morte.

Divulgação



Noite de revelações

A comédia dramática “Vale Night”, de Renata Mizrahi, retorna ao Teatro Gláucio Gill até 30 de março. A peça acompanha três mães — Paula (Aline Carrocino), Virgínia (Vilma Melo) e Carla (Luana Martau) — que se conhecem pessoalmente pela primeira vez em um bar, após interagirem em um grupo de WhatsApp. O que seria apenas uma noite de descanso — a famosa “vale night”, expressão usada quando mães conseguem um raro tempo livre — se transforma em um encontro revelador. Durante a noite, segredos vêm à tona.

SEXTOU! UM RIO DE

SHOW

BAIXADA JAZZ BIG BAND

✳A orquestra formada por 17 músicos da região recebe como convidados os cantores Fernanda Santana e Aldair Santiago. O repertório transita pelo jazz tradicional e contemporâneo, além de revisitar grandes sucessos da MPB. Sáb (7), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU | MOMBOJÓ

✳As duas bandas dividem a noite. A Móveis volta ao Rio após 10 anos com a turnê “A Felicidade Reinará”. E os pernambucanos no Mombojó comemoram 25 anos de estrada. Sáb (14), às 20h (abertura dos portões). Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

ZÉ RENATO

✳Cantor e compositor recebe Teresa Cristina e Cláudio Jorge em show da temporada “Samba e Amor”, que celebra 50 anos de carreira. Ter (17), às 20h. Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

LARA ESTELITA

✳uma das vozes mais promissoras da nova MPB, cantora e compositora apresenta repertório inédito no show “Jeito Lindo”. Sex (13), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

ANTÔNIO DA ROSA

✳O cantor e compositor apresenta novo repertório e antigas músicas conhecidas do público. Sex (13), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 35

ITHAMARA KOORAX

✳A premiada cantoras mostra repertório que gravou ao lado de mestres da bossa como Tom Jobim, Luiz Bonfá, João Donato, Milton Banana, Marcos Valle, Eumir Deodato e Dom Um Romão. Sex e sáb (13 e 14), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 80

TEATRO

CÃO

✳Colaboração entre os grupos Clowns de Shakespeare (RN) e Magiluth (PE), espetáculo aborda o trabalho precário. Até 15/3, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro CCBB (Rua Primeiro de Março 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Ricardo Brjterman/Divulgação

Leandro Soares, André Dale e George Sauma unem seus talentos em ‘A Coisa’, um espetáculo provocativo



Ricardo Brjterman/Divulgação

A Coisa

DESAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

✳Exercício de fricção entre passado e presente questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e gratuito (PCG)

A COISA

✳Numa sucessão de pesadelos lúcidos, a montagem opera numa realidade ligeiramente deslocada da nossa. Até 1/4, qua (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

SOMBRAS NO FINAL DA ESTRADA

✳Texto inédito de Luiz Carlos Góes ganha palco sob direção de Amir Haddad e atuação de Vannessa Gerbelli. Até 29/3, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

A SARÇA ARDENTE

✳Uma comédia sobre solidão, fé e uma planta que acredita ser Deus. Até 1/4, ter e qua (20h). Teatro Ziembinski (Av. Heitor Beltrão, s/nº - Tijuca. R\$ 40 e R\$ 20 (meia ou Lista Amiga)



Divulgação

Ithamara Koorax

KINTSUGI, 100 MEMÓRIAS

✳Espatáculo do Grupo Lume Teatro transforma memória, esquecimento e política em matéria cênica. Até 29/3, qua a sáb (19h) e dom (18h). Teatro III CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

AUTO DA COMPADECIDA

✳Grupo Maria Cutia mostra um ‘Auto’ que mistura Suassuna, tropicalismo e a tragédia de Brumadinho. Até 29/3, qui a sáb (20h) e dom (18h). Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (sócio Sesc)

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

✳Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu ao nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

A CUCA

✳Longe da bruxa das cantigas de ninar, a Cuca se revela entidade ancestral de culturas indígenas — guardiã da floresta e elo de transmissão de saber e memória. Até 29/3, qui a dom (19h). Teatro Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Móveis Coloniais de Acaju



Do Começo ao Fim



Mulher em Fuga



Zé Renato



Azul e um Pouco Mais

TERESAS

✳️ A obra aborda a violência contra a mulher. Até 28/3, qua a sáb (19h). Teatro Gonzaguinha (R. Benedito Hipólito, 125, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A.M.I.G.A.S

✳️ A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria são o ponto de partida para a criação da Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3º Andar - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

MULHER EM FUGA

✳️ Malu Galli estrela primeira adaptação brasileira das obras de Édouard Louis sobre a trajetória de sua mãe. Até 26/4, qui e sex (19h) | sáb e dom (17h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

TIM MAIA, VALE TUDO

✳️ Musical retorna ao Rio com montagem renovada nos 28 anos da morte do rei do soul. Até 12/4, sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (19h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 A, Leblon). A partir de R\$ 75

EXPOSIÇÃO

VIVA MAURICIO!

✳️ Mergulho imersivo em torno da obra do quadrinista Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). CCB B RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

AVESSE

✳️ Anna Bella Geiger e Raquel Saliba viram pelo avesso a lógica de um sistema que relegou o corpo feminino à objetificação. Até 3/5, de ter a dom (9h às 16h). Museu Histórico da Cidade (Estr. Sta. Marinha, s/nº). Grátis

TESSITURAS DO ADEUS

✳️ Sandra Gonçalves funde fotografias com achados digitais, embaralhando tempo e memória. Até 14/3, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios (Rua Visc. de Itaboraí, 20). Grátis

BRASILIDADES

✳️ Maurizio Ferri retrata nossos tipos e costumes. Até 13/3, de seg a sex (10h às 17h). Palácio Tiradentes (Rua Primeiro de Março, s/nº). Grátis

AZUL E UM POUCO MAIS

✳️ Fátima Vollú reúne aquarelas que exploram a força do azul. Até 28/3, qua a sexta (14h às 18h), sáb (10h às 19h). Fábrica Bhering (Rua Orestes, 28 - 2º andar). Grátis

DE VOLTA AO LUGAR

✳️ As intervenções fotográficas de Molambô tensionam história, violência e representação. Até 14/6, terça a dom (9h às 17h30). Sesc São Gonçalo (Av. Pres. Kennedy, 755). Grátis

INFANTIL

ANNIE

✳️ Jovem órfã vive num orfanato com regras rígidas, mas mantém um otimismo contagiante. Até 29/3, sex (19h30), sáb e dom (19h). Eco Villa Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

DO COMEÇO AO FIM

✳️ Para celebrar os 398 anos da Ri Happy, a EcoVilla Ri Happy preparou programação de aniversário incluindo o espetáculo “Do Começo ao Fim”, às 16h, e diversas atividades na loja e na área externa. Dom (15), das 9h às 17h. Rua Jardim Botânico, 1008. Grátis

O BOI DE MILAGRES

✳️ A contação convida o público a entrar numa história que nasce do desejo, da memória e da força da tradição popular paraense. Sáb e dom (14h). CCB B Educativo (Rua Primeiro de Março, 66 - 1º andar). Grátis



Como bom pernambucano, Alceu Valença bebeu da fonte inspiradora de Luiz Gonzaga e construiu uma trajetória notável na MPB

AFFONSO NUNES

E Alceu Valença chega aos oitenta anos com a mesma energia que o caracteriza desde os tempos de Fazenda Riachão, em São Bento do Una, no agreste pernambucano. Para marcar a data, o cantor percorrerá dez cidades brasileiras a partir deste sábado (14), na Farmasi Arena, com a turnê “80 Girassóis”, espetáculo que sintetiza toda a potência artística acumulada ao longo de cinco décadas de carreira.

A turnê foi pensada como uma retrospectiva viva da obra de Alceu. Montada em torno de sua trajetória artística, que vai da década de 1970 aos dias atuais, a apresentação revisita os primeiros tempos de estrada e encontra em canções como “Espelho Cristalino” — com seus contornos de toada e baião — a preocupação ambiental que sempre marcou seu trabalho. Na composição, o poeta alerta: “essa rua, sem céu, sem horizontes, foi um rio de águas cristalinas”. É o Alceu que caminha pelas vias do sertão em “Cabelo no Pente” e “Cavalo de Pau”, entre ruas do passado e ondas de puro éter espalhadas pelo milharal.

O legado de Luiz Gonzaga, rei do baião, permeia a obra do artista. O próprio Gonzagão, lembra Alceu, ofereceu uma definição certa do som do artista já nos anos 1980: “é uma banda de pífanos elétrica”. Esse diálogo com a tradição nordestina aparece nas recriações de “Pagode Russo” e “Sabiá”. A turnê traz as projeções de Rafael Todeschini,

que vislumbram os diversos grafismos oníricos extraídos da verve valenciana.

Recife é tema central em “Pelas ruas que Andei” e “Belle de Jour”, canção recentemente revisitada em dueto com a cantora francesa Zaz. Só mesmo Alceu para desembarcar a musa da nouvelle vague francesa em plena praia de Boa Viagem numa tarde de domingo azul — hoje a canção é mais famosa que o filme que a inspirou. Do Recife ao carnaval de Olinda, o frevo, o maracatu e as cirandas disseminam sua vibração avassaladora. Há mais de uma década, Alceu comanda o bloco “Bicho Maluco Beleza” pelas ruas de São Paulo e, agora, também do Recife, reunindo cerca de um milhão de foliões em cada evento. A turnê dedica um módulo especial ao

80 girassóis para ALCEU

Cantor e compositor abre no Rio turnê que celebra oito décadas de vida e cinco de música

“Sou um eterno menino, me sinto com oitenta ao contrário, oito anos talvez. Ou o oito traçado na horizontal, que é o símbolo do infinito”

ALCEU VALENÇA

Alceu carnavalesco.

Ao longo de toda a carreira, Alceu Valença apresentou sua visão singular para sonoridades do Brasil e, em particular, do Nordeste com uma linguagem contemporânea e de forte apelo junto ao público. Canções como “Anunciação”, “Tropicana”, “Belle de Jour”, “Como Dois Animais” e “Coração Bobo” atravessam o tempo, recicladas pelo próprio artista a cada apresentação ao vivo.

Mesmo oitenta, Alceu faz sucesso nas mídias digitais. No Spotify, “Anunciação” acumula 200 milhões de acessos e ganhou adaptações de torcedores de futebol em estádios dentro e fora do Brasil. “Belle de Jour” possui mais de 300 milhões de visualizações no YouTube, enquanto “Tropicana” ultrapassa a marca de

100 milhões de ouvintes na mesma plataforma.

De “Espelho Cristalino” ao “Táxi Lunar”, Alceu sempre fez o Brasil voar. Sobre essa capacidade de renovação contínua, o artista celebra: “Sou um eterno menino, me sinto com oitenta ao contrário, oito anos talvez. Ou o oito traçado na horizontal, que é o símbolo do infinito. Minha mãe dizia: ‘meu filho, você veio ao mundo para levar alegria às pessoas’. É uma espécie de missão”. É assim que o mais jovem oitenta da música brasileira segue seu caminho.

Na turnê “80 Girassóis” Alceu conta com os músicos Tóvino (teclados e direção musical), Cássio Cunha (bateria), Zi Ferreira (guitarra), Nando Barreto (baixo), André Julião (sanfona) e Costinha (flautas). Participações especiais de Lui Coimbra (violão e violoncelo) e Natalia Mitre (percussão). Além dos shows, o projeto levará a algumas cidades atividades como exposição de artes plásticas e mostra de filmes.

Do Rio a turnê segue para São Paulo (28/3), Salvador (10/4), Florianópolis (18/4), Curitiba (25/4), Brasília (9/5), Recife (15/5), Fortaleza (23/5), Belém (30/5) e Belo Horizonte (20/6).

SERVIÇO

ALCEU VALENÇA - 80 GIRASSÓIS

Farmasi Arena (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3.401 — Barra Olímpica) 14/3, às 19h (abertura dos portões) | Ingressos a partir de R\$ 100

O PRAZER insubstituível DE FAZER MÚSICA

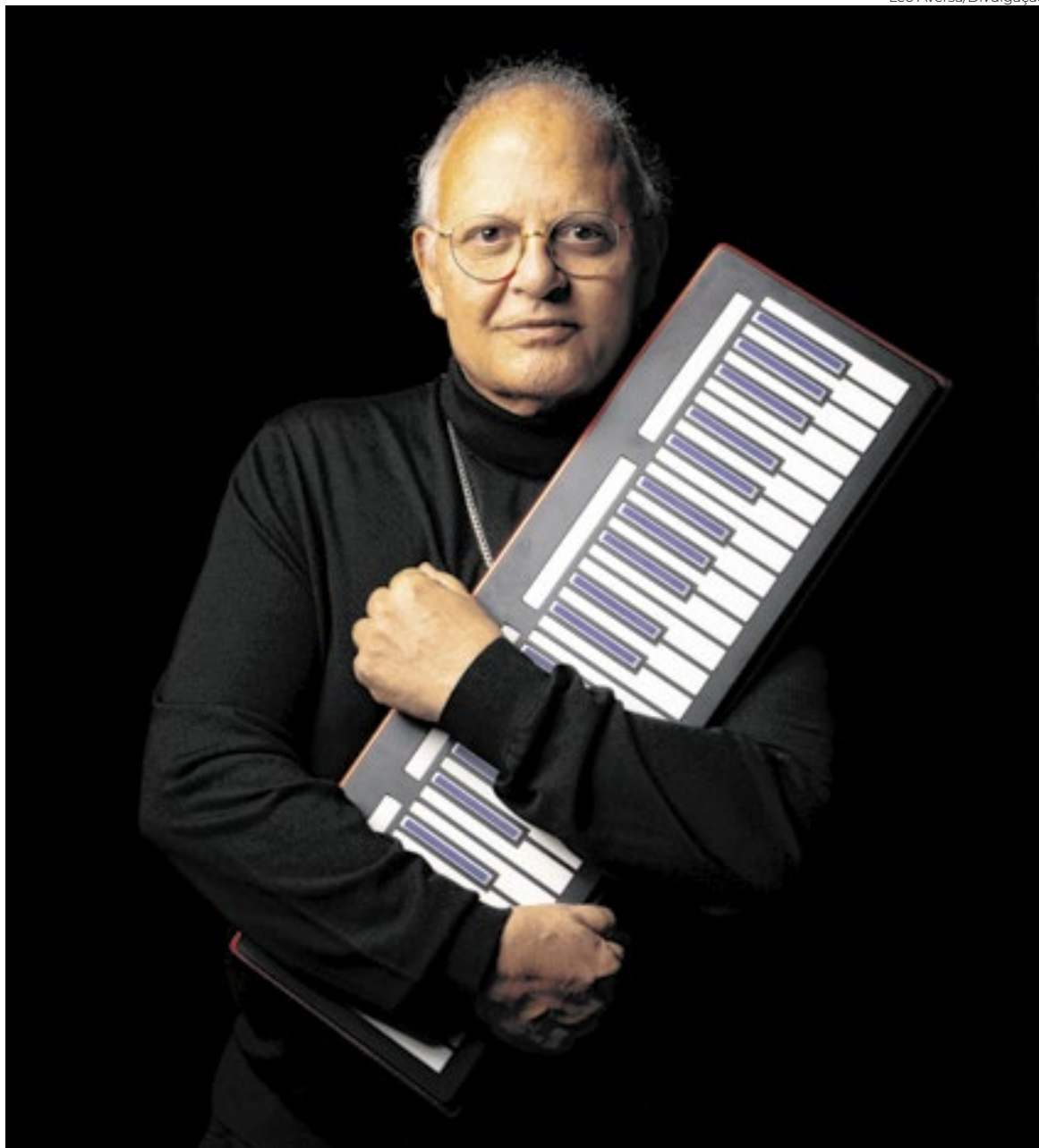
Guilherme Arantes marca meio século de carreira com turnê que celebra cinco décadas de clássicos

AFFONSO NUNES

Guilherme Arantes tinha 22 anos quando lançou “Meu Mundo e Nada Mais” em 1976. Nem ele e nem nós seríamos capazes de imaginar que aquela canção se tornaria apenas o primeiro de uma penca de sucessos de sua autoria. Cinco décadas depois, o cantor e compositor paulista retorna aos palcos neste sábado (14), no Vivo Rio, para celebrar 50 anos de uma carreira notável com o espetáculo “50 Anos-Luz”.

Iniciado em 1973 com a banda Moto Perpétuo, o percurso de Arantes ganhou força própria a partir de seu primeiro álbum solo, em 1976, justamente o ano em que “Meu Mundo e Nada Mais” se transformou em trilha sonora da novela “Anjo Mau”. O sucesso daquela canção abriu portas para uma trajetória que o levaria a dominar as paradas de sucesso durante os anos 1980, período em que se consagrou como um dos hitmakers mais populares e criativos da cena musical nacional.

A discografia de Guilherme Arantes comprova sua consistência. Após o álbum de estreia, vieram “Ronda Noturna” (1977), “A Cara e a Coragem” (1978) e “Estatísticas” (1979), consolidando sua presença no mercado fonográfico. Mas foi na década de 1980 que sua obra atingiu o pico de influência, gerando sucessos que se tornaram parte do imaginário coletivo brasileiro. Canções como “Amanhã”, “Planeta Água”, “Um Dia, Um Adeus” e “Cheia de Charme” não apenas dominaram as paradas, mas também



Guilherme Arantes volta aos palcos em turnê que homenageia trajetória de sucessos inaugurada com 'Meu Mundo e Nada Mais'. Ao lado, o músico em imagem dos anos 1970

se transformaram em trilhas de novelas, ecoando todas as noites Brasil adentro.

Com mais de 30 composições eternizadas em novelas, o músico paulistano viu suas criações interpretadas por algumas das maiores vozes da música brasileira: Elis Regina, Maria Bethânia, Gal Costa, Caetano Veloso, Roberto Carlos, Zezé Di Camargo & Luciano e Anavitória, entre outros.

A turnê “50 Anos-Luz” promete ser um espetáculo que une tecnologia, emoção e a intensidade característica de um artista que nunca parou de trabalhar - são mais de 140 apresentações anuais ao longo de sua carreira.



Reprodução

“São 50 anos de aprendizado, do prazer insubstituível de fazer música. E completar uma data assim, redonda, é ter vivido esse exercício de sobrevivência ao tempo, às camadas de modas e tecnologias. Por isso, eu comemoro com um álbum cheio de inéditas e uma agenda generosa, para brindar o público com o mesmo prazer que me trouxe até aqui”, afirma, referindo-se ao álbum “Interdimensional”, lançado em janeiro.

A efeméride dos 50 anos de carreira amarra um ciclo artístico real, já que tantos elementos que compõem o novo disco se comunicam diretamente com o que já existia em seu álbum de estreia. “Volta à tona o compositor que combinava Chopin e rock progressivo, Tom Jobim e Clube da Esquina, Maysa e Ernesto Nazareth. São confluências que só se deram ali, sob a curadoria de Guilherme Arantes, debaixo do guarda-chuva de interesses tão particulares dele”, afirma o produtor Marcus Pretto.

Segundo o compositor, uma das premissas de Interdimensional era preservar a longa duração natural de várias faixas. “O tempo das canções não deveria nunca mais obedecer aos ditames do algoritmo ou de qualquer padrão. Não vale mais fazer esse sacrifício na hora de compor, já que a adequação da ‘música de mercado’ simplesmente perdeu a razão de ser”, comenta o artista. “Talvez estas não sejam mais canções para este tempo atual, tão imagético e caricato. ‘Talvez estejam mais ligadas a um passado glorioso. Ou sejam projeções para um futuro qualquer, mais generoso e que dê valor aos sons e às palavras. O tempo de tentar se enquadrar em gavetinhas de dois minutos já ficou há muito para trás”, continua.

Essa capacidade de renovação é a face mais marcante de Guilherme Arantes e sua obra.

SERVIÇO

GUILHERME ARANTES - 50 ANOS-LUZ

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
14/3, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 220 e R\$ 110 (meia)



Para resgatar o clima das versões acústicas de seus sucessos, o Ira! se apresenta em formação ampliada com músicos convidados

IRA! REVIVE

seus sucessos em formato acústico

Grupo volta ao Rio com show da turnê de 20 anos de um de seus álbuns mais representativos

AFFONSO NUNES

Umas das bandas mais cultuadas do rock brasileiro, o IRA! volta ao Rio nesta sexta-feira (13) com show que comemora os 20 anos

de um de seus álbuns mais emblemáticos, o “Acústico MTV”. Lançado em 2004, o projeto vendeu quase 1 milhão de cópias entre CD e DVD, figurando entre os cinco trabalhos mais bem-sucedidos comercialmente da banda paulistana.

Formado em 1981 em São Pau-

lo, o Ira! nasceu da fascinação de Edgard Scandurra pelo punk rock e pela mod revival. O grupo carregou influências do pós-punk britânico e a energia do rock alternativo, criando uma sonoridade própria que conquistou o público.

A turnê especial, em cartaz desde o ano passado, revive o re-

pertório do disco com músicos de apoio, buscando recriar a experiência que fez a turnê original durar quase três anos.

“O Girassol”, “Eu Quero Sempre Mais” e “Tarde Vazia” foram os sucessos que impulsionaram o projeto e consolidaram o Ira! em novo patamar.

O show apresentará essas faixas ao lado de clássicos que acompanham a banda há décadas: “Envelheço na Cidade”, “Dias de Luta”, “Flores em Você”, “Núcleo Base”, “15 Anos”, “Flerte Fatal”, “Ciganos”, “Poço de Sensibilidade”, “Por Amor” — composição do saudoso Zé Rodrix — e “Pra Ficar Comigo”, versão do Ira! para “Train in Vain (Stand By Me)” do The Clash, que a banda incorporou permanentemente ao seu repertório.

Após uma ruidosa separação em 2007, o Ira! retornou aos palcos em maio de 2014 com histórico show na Virada Cultural no centro de São Paulo. Desde então, vivem o que descrevem como “dias de paz” entre si e com o público, que os prestigia em massa nos shows realizados pelo país. O projeto “Ira! Acústico 20 Anos” reúne mais de quatro décadas de sucessos com o forte apelo popular que caracteriza a banda.

A apresentação conta com Nasi (vocalis), Edgard Scandurra (violão e vocais), Evaristo Pádua (bateria), Johnny Boy (teclados e violão), Daniel Scandurra (baixolão), Jonas Moncaio (tchello) e Juba Carvalho (percussão).

SERVIÇO

IRA! ACÚSTICO 20 ANOS

Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3.000 — Barra da Tijuca) | 13/3, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 80

Música, cinema e memória

Compositor Plínio Profeta apresenta repertório de seis décadas de audiovisual brasileiro

Na semana em que teremos a cerimônia do Oscar, Plínio Profeta apresenta no Manouche nesta sexta-feira (13) “Trilhas Sonoras ao Vivo”. Com mais de 60 longas no currículo — entre eles “O Palhaço”, “Nosso Sonho”, “Divinas Divas”, “Medida Provisória” e “A Viagem de Pedro” — além de séries como “Sessão de Terapia” (6ª tempora-

da), “Beleza Fatal” e “Me Chama de Bruna”, o compositor consolidou-se como um dos nomes centrais da música para cinema e televisão no Brasil.

Membro votante da Academia do Oscar e da Recording Academy (Grammy e Grammy Latino), Profeta apresenta um repertório que reúne temas marcantes, atmosferas cinematográficas e canções que ganharam projeção nas telas. O show propõe um mergulho na relação entre música e imagem, revelando como sons e melodias constroem emoções que permanecem muito além dos créditos finais.

O espetáculo combina momentos intimistas ao piano com explosões rítmicas e arranjos sur-

preendentes. Entre uma música e outra, Profeta compartilha histórias de bastidores e revela processos criativos que mostram como a trilha sonora pode se tornar personagem central de uma narrativa. O show contará com participações especiais de Sophie Charlotte, Ravel Andrade e Gi Fernandes.

Vencedor de dois Grandes Prêmios do Cinema Brasileiro e do Prêmio Redentor de Melhor Trilha Sonora no Festival do Rio 2025 pelo documentário “Apolo”, Profeta segue expandindo sua atuação entre cinema, televisão e streaming, assinando também o documentário sobre a vida de Chico Anysio. (A.N.)

SERVIÇO

PLÍNIO PROFETA - TRILHAS SONORAS AO VIVO

Data: 13 de março de 2026 (sexta-feira)
Horário: 21h (abertura às 20h)
Local: Manouche — Casa Camolese, Jardim Botânico — Rio de Janeiro



Plínio Profeta tem relação estreita com o cinema e a televisão

Feminilidade e ANCESTRALIDADE

Banda formada por mulheres, Jazz das Minas apresenta ‘Ayé Orun’, travessia entre terra e espiritualidade que evoca Nina Simone, Elza Soares e D. Ivone Lara

AFFONSO NUNES

O celebrado Jazz das Minas leva neste sábado (14) ao palco do Dolores Club, às 21h30, o espetáculo “Ayé Orun” que o grupo define como a travessia poética entre a terra (Ayé) e o mundo espiritual (Orun), conduzida pelas Grandes Mães Orisa. Formado integralmente por mulheres — no palco e na coxia — o grupo tem a direção da pianista, cantora e compositora Ifátókí Maíra Freitas, filha de Martinho da Vila. O que elas chamam de “jazz de terreiro” é um encontro de estilos, axé e reinvenção, sempre em diálogo com as ancestrais que marcaram a música preta brasileira e internacional.

O repertório do Jazz das Minas mescla composições autorais com homenagens a grandes referências como Nina Simone, Elza Soares, Dona Ivone Lara e Alcione através de releituras focadas na sabedoria



Divulgação

O Jazz das Minas gosta de definir sua sonoridade como ‘jazz de terreiro’

e força daquelas que abriram caminhos. Os arranjos sofisticados, cheios de swing, convidam o público a dançar e se conectar com a proposta do grupo.

O show se estrutura em torno de temas que atravessam a experiência feminina em suas múltiplas dimensões. O espetáculo fala de cura e renascimento, trazendo canções

sobre nascimento, maternidade, maturidade feminina, culpa, amor e afeto. Sempre sob o olhar sensível das mulheres que criam e recriam no palco, essas narrativas ganham

profundidade que transcende o meramente autobiográfico para tocar em questões coletivas e ancestrais. A liberdade do jazz funciona como fio condutor, permitindo que cada noite seja única, que cada performance seja um diálogo vivo entre as instrumentistas e o público.

A formação atual do Jazz das Minas reúne instrumentistas de diferentes idades, classes sociais e localidades que se encontram em cumplicidade criativa. Essa diversidade não é acidental; reflete a visão de Ifátókí Maíra Freitas de que o jazz — linguagem frequentemente associada a elites culturais — pertence a todas as mulheres, independentemente de origem ou trajetória.

Desde a estreia em Luanda, em 2019, o Jazz das Minas vem conquistando plateias no Brasil e no mundo. O grupo já se apresentou em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre e Vitória, com sessões lotadas e elogios da crítica que reconhecem tanto a qualidade musical quanto a importância política e cultural do projeto. Cada apresentação funciona como celebração: um convite para sentir, dançar e se conectar com a força do feminino que pulsa na música, transformando o palco em espaço de resistência, alegria e liberdade.

SERVIÇO

JAZZ DAS MINAS — AYÉ ORUN

Dolores Club (Rua do Lavradio, 10 — Centro) | 14/3, às 21h30
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

OSTM celebra os 270 anos do genial Mozart

O Theatro Municipal abre oficialmente sua temporada 2026 nesta sexta-feira (13), às 19h, com a Grande Missa em Dó Menor- K427, de Wolfgang Amadeus Mozart. A obra será interpretada pelo Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (OSTM), sob a regência do maestro titular, Felipe Prazeres, em homenagem aos 270 anos de nascimento do genial compositor austríaco.



Imagem criada com a IA Flux Kontext Pro

Petrobras Sinfônica abre temporada 2026

E quem também abre sua temporada 2026 no Municipal é a Orquestra Petrobras Sinfônica que neste sábado (14), às 19h, estreia da temporada “Concertos Clássicos”. Sob regência do maestro Isaac Karabtchevsky e com a participação do premiado pianista Cristian Budu, o programa inclui o Concerto para piano e orquestra nº 2, de Rachmaninoff, composto entre 1900 e 1901.



©Daniel Ebendinger

Dose dupla de forró no Circo Voador

Nesta sexta 13 o Circo Voador vai virar bailão com duas potências da nova geração do forró: Tocaia e O Xaxadinho, que celebra três anos do seu movimento cultural de xaxado urbano. Já o Tocaia (foto) - formado por Bella Ciavatta, Mari Jasca, Paloma Ronai e Renata Neves - apresentam repertório que mistura músicas autorais, clássicos do forró pé de serra e releituras de sucessos do gênero. Azar de quem não for.



Maria Magalhães/Divulgação

Patricia Marx canta Ivan Lins no Rival

Patricia Marx volta ao Teatro Rival Petrobras com o espetáculo “Nos dias de hoje – Ao vivo” com apresentações nesta sexta e sábado (13 e 14), às 19h30. No palco, a cantora apresenta faixas do álbum “Nos Dias de Hoje, Esteja Tranquilo”, em que celebra a obra de Ivan Lins com releituras de clássicos como “Cartomante”, “Vieste” e “Abre Alas”, além de reviver sucessos de seu repertório como “Quando Chove”.



Luan Lopez

CRÍTICA LIVRO | AS VOZES DA NOITE

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Sobre adolescência, leitores e memórias

Edouard Louis, jovem escritor francês, classificou a literatura de Elena Ferrante como “adolescente”. Imagino que ele cultue seus conterrâneos Arthur Rimbaud e Raymond Radiguet, notáveis por obras excepcionais escritas na adolescência (mesmo). E já houve época em que se escrevia sem definir o público, mas isso foi na pré-História, antes da Internet.

Alguns dias atrás, ouvi alguém – de meia-idade – tecer loas a um best-seller brasileiro – ficção previsível de provável esquecimento no futuro –, desdenhando de “Léxico Familiar”, de Natalia Ginzburg. O mercado editorial compreende perfeitamente esses leitores, que têm o direito legítimo de se entregar ao escapismo fácil. Surpreende, no entanto, a rejeição a Ginzburg, uma das mais celebradas autoras italianas do século XX, que apresentou, sem alegorias, através das relações de família, as transformações sociais em contraponto aos papéis tradicionais da cultura europeia.

A simplicidade de Ginzburg



Divulgação

A simplicidade de Natalia Ginzburg pode ter se tornado banal para quem faz uma leitura mais direta

pode ter se tornado banal para quem faz uma leitura mais direta, algo como entender a Bíblia pelo que está escrito e não por uma linguagem subjacente. Talvez seja um fenômeno geracional. Muitos sub

cabulário em desuso e narrativas pouco descritivas. A escrita jornalística se entranhou na literatura e pode ter reduzido a capacidade de abstração do leitor, acostumado a um estilo direto de pretensa objetividade.

Natalia Ginzburg tornou-se referência na literatura ao refletir sobre uma sociedade marcada pela insegurança durante a Segunda Guerra Mundial e suas oscilações políticas, particularmente, o fascismo. Em “As vozes da Noite” (Companhia das Letras, R\$ 79,90), Elsa, a narradora, observa a contraditória família De Francisci, que domina um vilarejo. O patriarca De Francisci é socialista e conta com a proteção de seu administrador, o fascista Basco, criado como filho. A mãe de Elsa faz de coro grego mordaz, relatando, em incessantes monólogos, tudo o que ocorre no lugar, estranhando a indiferença da filha quanto à necessidade de encontrar um marido – preferencialmente um De Francisci. As “vozes”, em especial a da mãe, espelham os acontecimentos, criticando os novos arranjos na comunidade que, gradualmente, perde sua coesão. Os padrões se rompem nesse cenário que precisa ser reconstruído depois das perdas materiais e pessoais causadas pela guerra. O estilo de vida em mutação se estrutura sobre a melancolia dos que sobrevivem ao conflito entre nações.

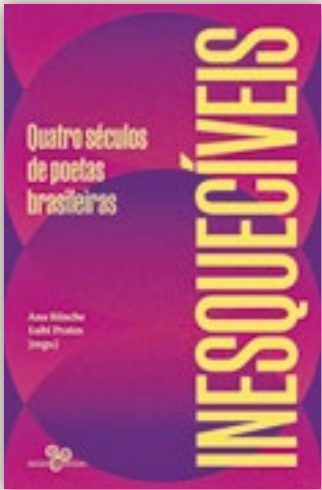
Em posfácio que acompanha a edição atual, Natalia Ginzburg conta que, em 1961, morando em Londres, ela viu surgir, quando escrevia “Vozes”, lugares da própria infância, “não solicitados, não convocados, (...) gerados pela saudade”. Um ano mais tarde, essas recordações são a base de sua obra-prima, “Léxico familiar”, um romance de “pura, nua, descoberta e declarada memória”. Em tempos de informações ininterruptas, o passado se mostra pouco interessante como elemento de evolução do futuro.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

INESQUECÍVEIS

Coletânea reúne cem poemas de 30 mulheres trazendo um panorama inédito da poesia feminina no Brasil. Organizada pelas pesquisadoras Ana Rüsche e Lubi Prates, a antologia abrange obras do século XVIII até as primeiras décadas do século XXI, passando por toda a História política do país recuperando trajetórias de poetisas reconhecidas em seus contextos históricos, como Beatriz Brandão (1779–1868) e Gilka Machado (1893–1980), celebrando ainda autoras contemporâneas ameaçadas pelo apagamento racial e de gênero, como as poetisas negras Beatriz Nascimento (1942–1995) e Miriam Alves (1952). (Ed. Bazar do Tempo, R\$ 98)



Divulgação

SORRIA

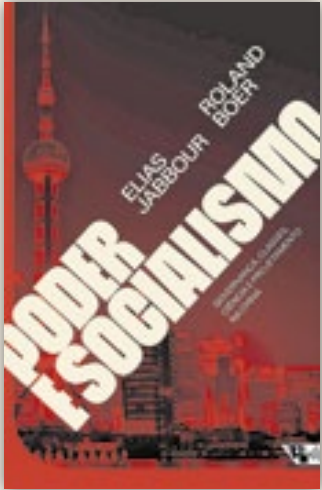
A insegurança de uma adolescente na antessala da vida adulta é representada por um aparelho ortodôntico pela cartunista estadunidense Raina Telgemeier nesta divertida graphic novel recheada de elementos autobiográficos, que ilustra as etapas de amadurecimento da menina entremeadas às visitas a diversos consultórios de dentistas e as constantes mudanças nos aparelhos usados por ela ao longo de anos. Acne, altura, peso, aparência, paixões, amizades, praticar esportes – qualquer coisa pode ser motivo de angústia para quem precisa lidar com as modificações do organismo e enfrentar o mundo com um “sorriso metálico”. (Ed. Intrínseca, R\$ 74,90)



Divulgação

PODER E SOCIALISMO

O modelo econômico, político e social chinês, que permitiu ao país com quase 1,5 bilhão de habitantes alcançar uma das taxas de crescimento mais estáveis da história moderna é analisado com rigor acadêmico pelos pesquisadores Elias Jabbour e Roland Boer. Sem ignorar toda sorte de contradições na gestação de uma das principais bases industriais e científicas do mundo, que transformou o gigantesco país oriental na segunda economia do planeta, os autores se debruçam sobre o sistema financeiro e econômico da China, um socialismo bem diferente daquele descrito na teoria marxista, enfatizando os aspectos políticos e a estrutura de governança. (Ed. Boitempo, R\$ 83,90)



Divulgação

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A vida começa depois do café

Confira opções deliciosas para o ritual da primeira refeição do dia



Que Doce!

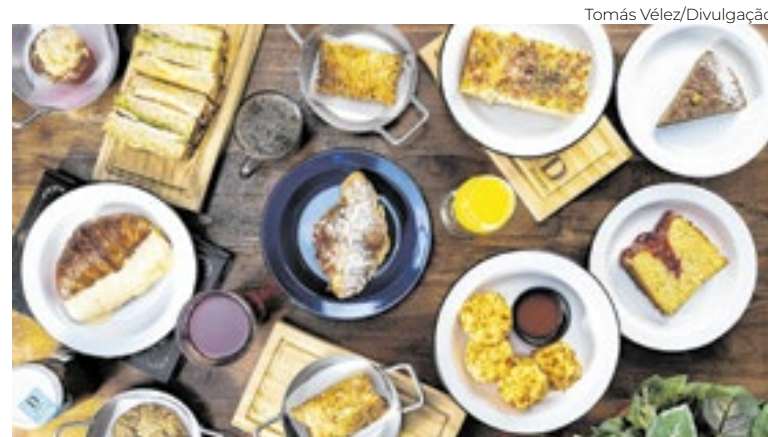


Curadoria

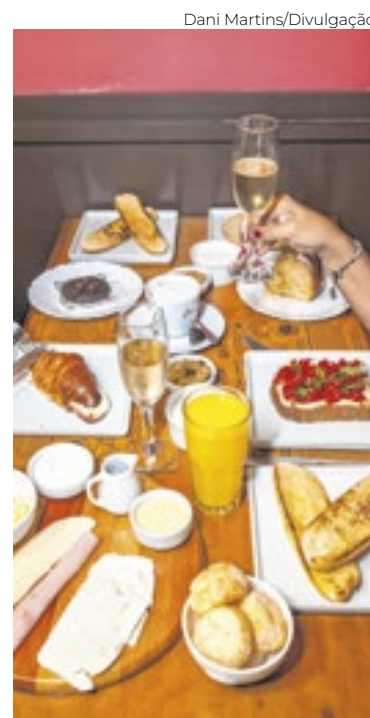
No Rio de Janeiro, o café da manhã vai além de uma refeição: é um momento de pausa e prazer. Entre o café passado na hora, o pão na chapa dourado, frutas frescas e sucos naturais, a cidade começa o dia com sabor e leveza. Seja em uma padaria tradicional, em uma cafeteria charmosa, o café da manhã carioca traduz o estilo de vida da cidade: simples, acolhedor e cheio de bossa. Confira abaixo as sugestões que o Correio da Manhã preparou para você:



Baduk



Dianna Bakery



Momento Bendito



Teva

MOMENTO BENDITO -

Nada como começar o dia com um bom café da manhã. E na casa a proposta é justamente transformar esse momento em uma experiência personalizada. Por R\$ 29,60, o cliente monta o próprio combo escolhendo uma bebida, um salgado ou bolo e um petit four. Há ainda quem prefira transformar o café da manhã em uma experiência mais completa com um cardápio múltipla escolha com itens que vão desde clássicos de café da manhã a opções mais afetivas e caseiras. O menu inclui iogurte com granola, croissant de queijo com presunto, tapioca com ovos mexidos e queijo minas, além da torrada Petrópolis com queijo minas e tomate-cereja. Para beber, o brunch contempla suco de laranja, expresso duplo, expresso duplo com leite e chá importado. Como cortesia, o cliente ainda recebe uma taça de espumante. Os valores variam conforme a seleção de itens, com preços a partir de R\$ 109,90. Rua Ataulfo de Paiva, 375 – Leblon. Rede social: @meumomentobendito

QUE DOCE! – A casa preparou opções de café da manhã que combinam diferentes clássicos da casa com sugestões tanto individuais quanto para compartilhar. Entre os destaques: o Dia Feliz (R\$ 75) uma combinação completa para começar o dia: porção de pão de queijo ou croissant, espresso, iogurte com granola e mel e uma fatia de bolo. Para compartilhar, o Menu da Casa (R\$ 220) uma experiência pensada para dividir e provar um pouco de tudo: iogurte com granola e mel, frutas da estação, bandeja de queijos e frios, cesto com mix de pães, panelinha de ovos mexidos, duas bebidas (café, choco cremoso, chá ou bebidas geladas da casa) e panquequinhas ou uma fatia de bolo. Rua Odílio Bacelar, 30 – Urca. Telefone: (21) 98754-4648.

TEVA – A grande novidade deste ano é o café da manhã, servido com preparações que saem frescas do Teva Deli, em Copacabana, direto para Ipanema. A ideia é simples: começar o dia com o mesmo cuidado que marca o almoço e o jantar. No menu, vitaminas, cafés quentes e gelados, matcha, chá e shakes proteicos dividem espaço com torradas, bagels, omeletes e focaccias. Não poderiam faltar o croissant de amêndoas (R\$ 28), pain au chocolat (R\$ 22), sanduíches variados (de R\$ 32 a R\$ 54) e até pão de queijo recheado (R\$16), tudo dentro da proposta 100% vegetal da casa. Av. Henrique Dumont, 110 - Loja B – Ipanema. Tel: (21) 3253-1355.

BADUK – A casa lança um brunch especial servido aos sábados e domingos, das 10h30 às 15h30, convidando para uma viagem pelos sabores do Oriente Médio. Há opção de buffet à vontade (R\$ 68 por pessoa) ou pedidos à la carte. No buffet, pães como torradinhas com zaatar e pão pita dividem espaço com pastinhas clássicas, entre elas muhammara e hommus tahini. Também entram salada de frutas com laranja e granola mediterrânea, além de queijos e molhos como vinagrete de abacate e o vinagrete Baduk. No cardápio à la carte aparecem pães como o bagel de Jerusalém (R\$ 11), mezes quentes e um capítulo dedicado aos ovos, que vai do simples e saboroso Ovos Mexidos

Cremosos (R\$ 24), com azeite e zaatar, à Shakshuka de camarão (R\$ 58), com dois ovos caipiras pochê e camarões salteados em molho de tomate com especiarias. Rua Rainha Guilhermina, 95, Leblon. Tel: (21) 3592-0881.

CURADORIA – A casa, junto com o Bar Saudade, em Botafogo, lançam neste mês de março o Brunch da Curadoria. Servido aos sábados e domingos, das 10h30 às 17h, ele traz: Pastrami Egg Croissant (R\$55), com o famoso Pastrami da Curadoria (sete dias de cura), e o Smash Burger Croissant (R\$49), que vem com dois smash burgers de 70g, queijo, cebola branca e uma nuvem de parmesão. O Pork Mea-

tballs (R\$ 36), é uma versão do chef para as almôndegas, suínas e servidas no molho de tomate com queijo parmesão. Os pratos criados para o café da manhã incluem ainda clássicos como os Ovos Beneditinos (R\$ 25), english muffin, com ovo pochê, molho holandaise, cebolinha e páprica defumada e as Panquecas de frutas vermelhas (R\$40), servidas com mel e chantilly. Rua da Matriz, 54 – Botafogo. Tel: (21) 96725-5928.

DIANNA BAKERY – A confeitaria Dianna Bakery, na Tijuca, também é uma ótima pedida para um café da manhã cheio de sabor. O cardápio reúne opções como: o Eggs & Bacon (R\$ 29) brioche

com pasta de ovos fria e farofa de bacon; o Bem Casado (R\$ 29), o clássico misto quente no sourdough; ou o Tijucroque (R\$ 39), o croque-monsieur da Dianna, que traz queijo muçarela, cream cheese, peito de peru defumado e pesto de manjerição no brioche, finalizado com uma camada de parmesão maçaricado. Para acompanhar, cafés preparados com grãos de pequenos produtores, como o Espresso Tônica (R\$ 18), com xarope de limão siciliano, tônica e gelo; o Cold Brew (R\$ 18), preparado com café especial extraído a frio por 12 horas e servido com gelo; o Espresso Panna (R\$ 17) com chantilly da casa; Café Coado (R\$13). Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

Por Mayariane Castro

Pioneiro do movimento conhecido como “New Queer Cinema”, o cineasta norte-americano Todd Haynes é o foco de mostra luxuosa no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), com direito a debates e sessões comentadas, além da própria exibição dos filmes.

A retrospectiva dedicada a Todd Haynes segue em cartaz até o dia 22 de março, com programação gratuita que reúne exposições de filmes, debates, sessões comentadas e atividades formativas.

A mostra apresenta 23 obras, sendo 13 dirigidas pelo realizador norte-americano e 10 títulos selecionados para dialogar com sua filmografia. Os ingressos são distribuídos uma hora antes de cada sessão na bilheteria do centro cultural.

A programação inclui produções conhecidas da carreira do diretor, como *Carol*, *Longe do Paraíso*, *Velvet Goldmine* e *Segredos de um Escândalo*. As obras são apresentadas junto a filmes escolhidos pela curadoria por relação estética, histórica ou temática com o trabalho do cineasta. A classificação indicativa varia conforme cada título exibido.

Sexualidade e outros temas

Além das sessões, a mostra organiza atividades paralelas voltadas à discussão de temas recorrentes na obra do diretor, como melodrama, representação feminina, sexualidade e linguagem

Perto do Paraíso do cinema de Todd Haynes

CCBB tem mostra, debate e sessões comentadas sobre o universo do diretor



Juliane Moore em “Longe do Paraíso”: a obra de Todd Haynes em discussão

Divulgação

audiovisual. A programação inclui duas mesas de debate, sessões com apresentação ou comentários de convidados e um curso dividido em dois encontros.

As sessões comentadas começaram em 7 de março, com exibição de *Velvet Goldmine* acompanhada de comentário do coletivo Cinebeijoca.

No dia seguinte, 8 de março, o grupo também comentou o filme “*Mal do século*”. Outras sessões ocorrerão ao longo da programação, incluindo exibição de “*Canção de amor*” e “*Veneno*” comentada por Marcus Azevedo em 11 de março.

Na sexta-feira (13), a curadora Carol Almeida participa de sessão comentada com os filmes “*O suicídio*”, “*Assassinos: um filme sobre Rimbaud*” e “*Peggy e Fred no inferno: o prólogo*”.

A agenda continua no domingo (15) com exibição de “*Longe do Paraíso*” comentada por Letícia Bispo.

Em 19 de março, Camila Macedo apresenta comentários sobre os curtas “*Jollies*”, “*Dottie leva palmadas*” e “*Primavera*”.

Algumas sessões contam também com apresentação prévia. Em 3 de março foi exibido “*Não Estou Lá*”, apresentado por Mariana Souto.

Já em 5 de março, a pesquisadora Ana Caroline Brito apresentou a sessão do filme “*Carol*”.

Para além da mostra de filmes e das sessões comentadas, a programação também conta com interessantes debates de temas a partir da proposta e da estética dos filmes de Todd Haynes e seus personagens.

Questões de gênero em debate

“Donas de casa encarceradas” e outras conversas a partir da cinematografia

A programação de debates ocorre em dois encontros realizados no auditório do centro cultural.

O primeiro está marcado para 14 de março, às 17h, com o tema “*Donas de casa encarceradas nas estratégias melodramáticas de Todd Haynes*”.

A conversa reúne as pesquisadoras Emília Silberstein e Lila Foster, com mediação da curadora Carol Almeida. O debate propõe discutir como o diretor constrói personagens femininas em seus filmes e como os códigos do melodrama são utilizados para abordar questões de gênero e o espaço doméstico.

O segundo debate acontece em 21 de março, também às 17h, com o tema “*O legado de Todd Haynes para os novíssimos cinemas queer*”. Participam da mesa o cineasta Mike Peixoto e a pesqui-

sadora Marisa Arraes, com mediação de Camila Macedo. A discussão aborda influências da filmografia do diretor em produções recentes e possíveis diálogos com o cinema brasileiro contemporâneo.

Curso

Outra atividade formativa da mostra é o curso “*Uma leitura da in/visibilidade lésbica a partir de Carol*”, realizado nos dias 14 e 15 de março, das 10h às 15h, com intervalo de uma hora.

O curso tem oito horas de duração, divididas em dois encontros de quatro horas, e será ministrado pelas pesquisadoras Alessandra Brandão e Ramayana Lira de Sousa.

A atividade utiliza o filme *Carol* como ponto de partida para discutir a presença e a representação de personagens lésbicas no cinema. A proposta inclui análise de cenas, dis-



“*Carol*”, com Cate Blanchett, também está na mostra

Divulgação

culção teórica e elaboração de um dossiê visual com seleção comentada de imagens e sequências.

A mostra também prevê ações de acessibilidade. No dia 17 de março, às 18h30, haverá sessão acessível do filme *Carol* com audiodescrição, legendagem descritiva e tradução em Libras. Após a exibição, está prevista uma conversa com integrantes da curadoria com presença de intérprete de Libras. As mesas de debate também contam com tradução para a Língua Brasileira de Sinais.

Outro material produzido para a retrospectiva é um catálogo inédito da mostra, disponível em versão impressa e digital. A publicação reúne textos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre a obra do diretor, além de tradução de um artigo da teórica feminista Mary Ann Doane e uma entrevista com Todd Haynes.

SEXTOU! UM DF DE

PROJETO

Curso de Bandolim

✳As inscrições para o Curso Introdução ao Bandolim estão abertas até 13 de março. A formação gratuita integra o projeto 200 Anos de Bandolim no Brasil, da Orquestra de Bandolins de Brasília, e é voltada a iniciantes a partir de 11 anos, sem exigência de experiência prévia. Com 20 vagas, metade reservada a pessoas negras e/ou mulheres, o curso terá 24 horas de aulas aos sábados, entre março e junho de 2026, na Asa Sul. O resultado sai até 17 de março. Haverá bolsas de R\$ 200 para quatro adolescentes de fora do Plano Piloto.

2º Prêmio de Literatura

✳A 2ª edição do Prêmio Candango de Literatura promove, em 12 de março, às 19h30, a live “Conversas sobre leituras encruzilhadas”, transmitida pelo Instagram do prêmio. O encontro reúne representantes do Sarau da Dalva e da Estreloteca, vencedores na categoria Incentivo à Leitura. Mediada pela escritora Márcia Lages, a conversa abordará leitura, território e transformação social, além de apresentar novidades do projeto.

Rolê com libras

✳O CCBB Brasília realiza o Rolê com LIBRAS, série de encontros semanais que aproximam pessoas surdas e ouvintes por meio da arte. As atividades ocorrem às sextas-feiras, às 16h, com entrada gratuita. A programação inclui vivências, leituras e visitas mediadas com intérprete de Libras, além de atividades relacionadas à exposição AN-CESTRAL.

TEATRO

Festival Dulcina

✳Estão abertas, de 2 a 16 de março, as inscrições gratuitas para a 4ª edição do Festival Dulcina, voltado a artistas e grupos teatrais do Distrito Federal e da RIDE-DF. O evento selecionará oito espetáculos locais, que concorrerão a dez categorias de premiação. O melhor espetáculo receberá R\$ 10 mil e os demais vencedores, R\$ 4 mil. O festival ocorre de 14 a 23 de maio, no Teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga.

Espectáculo denuncia a violência contra a mulher
✳Até 22 de março, o CCBB



Formação é oferecida pela Orquestra de Bandolins de Brasília



2º Prêmio Candango de Literatura promove encontro

Brasília apresenta o espetáculo “Nós ou Ninguém Podia Ouvir os Olhos Dela”, da Companhia Entre Nós. A montagem mistura dança e teatro para discutir a violência de gênero. As sessões ocorrem de quinta a domingo, às 19h, com ingressos gratuitos. Nos dias 20 e 21 haverá acessibilidade em Libras e audiodescrição. A programação inclui ainda oficina gratuita de dança-teatro inspirada no processo criativo.

“Menino Mandela”

✳A CAIXA Cultural Brasília recebe, de 18 a 22 de março de 2026, o musical infantojuvenil “Meni-

no Mandela”, que apresenta de forma poética a infância de Rolihlahla, futuro Nelson Mandela. Com música ao vivo, bonecos e danças africanas, o espetáculo promove letramento racial e destaca valores como igualdade e respeito. A montagem, vencedora de cinco prêmios do Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude (CBTIJ), já passou por diversas capitais e convida o público a refletir sobre liberdade e justiça.

Três Mulheres Baixas

✳O espetáculo “Três Mulheres Baixas” retorna aos palcos em



Espectáculo denuncia a violência contra a mulher

apresentação única no dia 15 de março, às 19h, no Espaço Multicultural Casa dos Quatro, em Brasília. A comédia acompanha três amigas 50+ que se reúnem em uma casa de praia e refletem, com humor e deboche, sobre temas como menopausa, amor, maternidade e pressões sociais.

Paulo Mansur Comedy Show

✳O comediante Paulo Mansur apresenta o Paulo Mansur Comedy Show no dia 27 de março, às 21h, no Teatro do Brasília Shopping. Conhecido por unir humor e referências às religiões

afro-brasileiras, o artista traz um espetáculo que mistura observação social, crítica bem-humorada e relatos do cotidiano. Com mais de 20 anos de carreira e grande presença nas redes sociais, Mansur aposta em uma comédia inclusiva, voltada a públicos de diferentes crenças. Os ingressos estão disponíveis na plataforma Sympla.

“10 mil passos por segundo”

✳O Grupo Tripé estreia o espetáculo “10 mil passos por segundo” em temporada de 12 a 22 de março no Teatro Galpão Hugo Rodas, no Espaço Cultural

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Divulgação

Espetáculo Três mulheres baixas



Divulgação

Espetáculo teatral no fim de semana



Divulgação

Espetáculo “10 mil passos por segundo”

Renato Russo, em Brasília. A montagem investiga o movimento e os deslocamentos da vida contemporânea por meio de narrativas físicas e poéticas. Com direção de Tatiana Bittar, a peça tem apresentações de quinta a domingo e ingressos a R\$ 5 (meia).

SHOW

Flaira Ferro em Brasília

✱ O Grupo Tripé estreia o espetáculo “10 mil passos por segundo” em temporada de 12 a 22 de março no Teatro Galpão Hugo Rodas, no Espaço Cultural

Renato Russo, em Brasília. A montagem investiga o movimento e os deslocamentos da vida contemporânea, conectando experiências pessoais e coletivas marcadas pela pressa, espera e desejo de seguir adiante. Dirigida por Tatiana Bittar e interpretada por Ana Quintas, Gustavo Haeser e João Pedreira, a peça tem sessões de quinta a domingo, com ingressos a R\$ 5 (meia).

Grupo Benzadeus em show

✱ O grupo de pagode brasileiro Benzadeus se apresenta no dia 14 de março no Complexo



Divulgação

Rolê com LIBRAS

Fora do Eixo, no SAAN, em Brasília. A programação começa com show do grupo Lado a Lado e segue com apresentações dos DJs Thailo e Luk, que comandam a pista com funk e hip-hop. Os ingressos estão disponíveis na plataforma Sympla, com cortesia para entrada até as 21h e valores a partir de R\$ 25. A casa abre ao público a partir das 15h.

Delacruz em turnê

✱ O rapper Delacruz se apresenta em Brasília no dia 14 de março, às 20h, na AABB, com a turnê “VINHO”. O show reúne



Divulgação

Cantora pernambucana Flaira Ferro

sucessos da carreira e faixas do novo álbum, como “Afrodite” e “O Último Romântico”. A programação inclui ainda apresentações de Ball Ins, DJ A e Thailo DJ. Com mais de 6 milhões de ouvintes mensais no Spotify, o artista é um dos destaques do rap nacional. Os ingressos estão disponíveis na Sympla, com valores a partir de R\$ 100.

LIVRO

Livro e exposição

✱ A fotógrafa Zélú lança o livro escola_em_casa: sentimentos presenciais no Espaço Cultural Renato Russo, em Brasília. A obra reúne 80 fotos produzidas entre 2020 e 2025 em escolas públicas de todo o país, registrando sentimentos de estudantes durante e após a pandemia de Covid-19. O projeto inclui também uma exposição com 11 imagens, em cartaz até hoje: sexta-feira (13) no local, propondo um retrato afetivo da educação brasileira no período.

Dragazine em pauta

✱ A revista Dragazine, produzida pelo coletivo Pop Up Drag, lança sua quinta edição neste sábado (14), às 21h, no Pub Club, em Ceilândia. Com o tema “Na Quebrada”, a publicação destaca artistas drag das periferias do Distrito Federal. A festa de lançamento contará com performances de Veronica Strass, capa da edição, além de Havenna Wanderlookx, Harley PocStar, Linda Brondi e a drag premiada: Ridícula.

FESTA

Dose na Biroasca

✱ A festa “Dose and furious” acontece nesta sexta-feira (13) na Biroasca do Conic (Setor de Diversões Sul). A pista de dança reúne DJs da cena brasileira e de outros estados, com sets de hyperpop, pop, house e eletropop. Entre as atrações estão Aya Ibeji (SP) e GG Limona. O evento é exclusivo para maiores de 18 anos.

Por Mayariane Castro

O projeto “Por Nossos Sonhos” realiza apresentações teatrais, performance urbana e atividades formativas em diferentes regiões de Brasília durante o mês de março.

A programação inclui sessões gratuitas do espetáculo “Onírico” e uma instalação performática em espaço público, com o objetivo de dar visibilidade à produção teatral de artistas LGBTQIAPN+ do Distrito Federal.

As apresentações do espetáculo “Onírico” acontecem no sábado (14) e domingo (15) no Centro Cultural de Planaltina e nos dias 25 e 26 de março no Espaço Cultural Renato Russo, sempre às 19h.

No sábado (14), às 13h, a Rodoviária de Planaltina recebe uma instalação performática aberta ao público.

A iniciativa é realizada pelo Coletivo Poéticas da Meia Noite e reúne ações de criação artística, ocupação de espaços culturais e atividades de formação. O projeto também promoveu oficinas de dramaturgia LGBTQIAPN+ entre janeiro e fevereiro em Brasília e em Goiânia.

Estímulo

Segundo o diretor-geral do projeto, Thiago Carvalho, as oficinas tiveram como objetivo estimular a escrita dramática a partir de experiências pessoais dos participantes. A proposta também incluiu o desenvolvimento de elementos visuais para a cena e a troca de processos criativos entre artistas. Parte dos textos produzidos durante essas atividades serviu de base para a



O espetáculo “Onírico” será apresentado em Planaltina, dentro da programação

Projeto leva **teatro** **LGBT** a espaços do DF

Iniciativa promove espetáculo, performance urbana e oficinas com foco na produção de Brasília

instalação performática apresentada na Rodoviária de Planaltina.

O espetáculo “Onírico” integra o repertório do coletivo e apresenta uma narrativa inspirada na discografia da cantora norte-americana Taylor Swift. A montagem reúne dez histórias baseadas em álbuns da artista e aborda diferentes experiências relacionadas ao amor.

A trama acompanha uma

escritora interpretada pela atriz Beatriz Gama. Na história, a personagem procura construir um relato sobre um amor considerado infinito. Durante o processo de escrita, a personagem passa a revisitar experiências pessoais e relações que fazem parte de sua trajetória.

A direção do espetáculo é assinada por Davi Dias e Fernanda Tiago. Segundo Dias, a

dramaturgia apresenta narrativas que envolvem diferentes tipos de vínculos, incluindo relações familiares, afetivas e de amizade. A encenação reúne um elenco formado por 11 atores e atrizes. As histórias apresentadas ao longo da peça são conduzidas pela personagem da escritora, que percorre episódios relacionados às experiências retratadas na narrativa.

Presença da produção de **Brasília**

Produções partem de experiências individuais e coletivas para promover o diálogo com o público

“Onírico” estreou em 2024 e já realizou apresentações em diversas cidades brasileiras, entre elas Salvador, Goiânia, São Paulo e Guarulhos. A temporada atual em Brasília integra a programação do projeto “Por Nossos Sonhos”.

Todas as sessões previstas nesta edição contam com recursos de acessibilidade, incluindo audiodescrição e interpretação em Língua Brasileira de Sinais

(Libras). A proposta é ampliar o acesso do público às atividades culturais promovidas pelo projeto.

O projeto “Por Nossos Sonhos” também busca fortalecer a presença de artistas LGBTQIAPN+ na produção teatral do Distrito Federal. O projeto reúne profissionais que atuam em diferentes áreas da cadeia produtiva das artes cênicas, como interpretação, dramaturgia, direção, ce-

nografia e comunicação.

O Coletivo Poéticas da Meia Noite foi fundado em 2021 e mantém atividades de criação e pesquisa entre o Distrito Federal e o estado da Bahia. O grupo reúne estudantes e profissionais de diferentes áreas ligadas às artes cênicas e à produção cultural. En-

tre os trabalhos já realizados pelo coletivo estão os espetáculos “Pititinga – Peixe Pequeno”, lançado em 2023, e “Solos Flutuantes”, apresentado em 2024. O grupo também desenvolveu o espetáculo infantil “A Pequena Casa Flutuante”, apresentado em 2025.

As produções do coletivo

partem de pesquisas relacionadas à memória e à construção dramática a partir de experiências individuais e coletivas. Os projetos desenvolvidos envolvem profissionais responsáveis por cenografia, iluminação, design, fotografia, comunicação e mediação cultural.



Objetivo é a apresentar ao público a produção teatral de Brasília



E o Oscar vai para... **A SURPRESA!**

Raras vezes na história da maior premiação americana, **os resultados** são tão **cercados de mistério...** e de torcida, com o **Brasil no páreo** com 'O Agente Secreto', **com quatro indicações**, e pelo paulista **Adolpho Veloso**, indicado por **melhor fotografia**. Páginas 2 a 6